

EDIÇÃO 5 • AGO/SET 2024

REDE BIOTA CERRADO

Newsletter Especial Cerrado

Editorial

"O cerrado é um gole d'água na secura"
Luciano Spagnol

Caro/as colegas,
Esta Newsletter tem um gostinho especial, porque chega em homenagem ao Cerrado e traz duas novas seções. Uma é a "Crônicas do Cerrado", com um texto que vem de Nova Xavantina (MT) e a outra é a seção "Entre...Vistas", com duas das maiores autoridades no bioma neste país: Guarino Colli e Geraldo Fernandes, das redes Biota Cerrado (RBC) e ComCerrado, com quem tivemos uma prosa gostosa no começo do mês.

Por aqui vocês também vão ter um pequeno registro do Simpósio Cerrado que reuniu pesquisadores dessas duas redes entre os dias 1 e 4/09 em Alto Paraíso (GO), no Centro UnB Cerrado e poderão ler a Carta Brasília 2024 em defesa do Cerrado que a RBC protocolou no STF junto com algumas dezenas de instituições científicas e de direitos humanos.

Como esta é uma Newsletter especial, as nossas seções tradicionais com os artigos que saíram na mídia, artigos científico, editais... estarão de volta na edição nº 6 que já está logo ali, no dia 30. É só o tempo de vocês terminarem de ver esta edição e a gente solta a próxima ;) Boa leitura!

EXPEDIENTE
NEWSLETTER DA REDE BIOTA CERRADO
COORDENAÇÃO: DIONE MOURA
EDIÇÃO: CRISTIANE PARENTE E DIONE MOURA
TEXTOS: CRISTIANE PARENTE
INSTAGRAM: @REDEBIOTACERRADO
CONTATO: COMUNICACAO@BIOTACERRADO.ONMICROSOFT.COM



Nesta edição

**RBC e parceiros
protocolam carta em
defesa do Cerrado no STF**

PÁGINA 02

**Simpósio do Cerrado
reúne redes Biota Cerrado
e ComCerrado em Alto
Paraíso (GO)**

PÁGINAS 03 A 06

**Tem seção nova na
Newsletter.
"Entre... Vistas" estreia
com com Guarino Colli e
Geraldo Fernandes**

PÁGINAS 08 A 11

**Galeria da Rede,
traz registros do
Simpósio do Cerrado 2024**

PÁGINAS 14 E 15

**PS: As demais seções da
Newsletter voltam na edição
número 6, logo ali, dia 30/09**

RBC PROTOCOLA CARTA NO STF EM DEFESA DO CERRADO E É ACOMPANHADA POR DEZENAS DE INSTITUIÇÕES

POR CRISTIANE PARENTE

Foto: Cristiane Parente



No Dia do Cerrado, 11 de setembro, as coordenadoras do Projeto Associado 3 (Manejo Integrado do Fogo), Isabel Schmidt e Projeto Associado 5 (Engajamento Público com a Ciência), Dione Moura, da Rede Biota Cerrado - RBC e Yuri Salmona, Diretor Executivo do Instituto Cerrados, protocolaram a Carta Brasília 2024 em Defesa do Cerrado, no Supremo Tribunal Federal. Eles entregaram a carta à Chefe de Gabinete do ministro Luís Roberto Barroso, Fernanda Silva de Paula.

Para Isabel Schmidt, que é professora do Instituto de Biologia da Universidade de Brasília - UnB, essa iniciativa é "uma tentativa de chamar atenção do STF para a importância do Cerrado e de se tomar ações efetivas para conservação e redução de incêndios." Já Dione Moura, que além de professora é diretora da Faculdade de Comunicação da UnB e diretora regional da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, ressalta a necessidade de integração dos três poderes "em prol da conservação do berço das águas que é o bioma Cerrado".

A carta foi assinada por cerca de 40 instituições de áreas ambientais, humanas e de direitos humanos.

Carta de Brasília em Defesa do Cerrado

Neste 11 de setembro de 2024, Dia do Cerrado, é momento de lembrarmos que o Cerrado é o coração das águas do Brasil, bombeando água para todo país e América do Sul. Abriga o centro do Poder e a capital Brasília, mas antes disso, contém as nascentes de oito de nossas 12 bacias hidrográficas. Abriga ainda valiosa vegetação com tramas profundas de raízes, que fazem a água entrar lentamente no solo, para posteriormente ser liberada, alimentando rios e aquíferos brasileiros, dos quais a maior parte da população depende para viver e que o agronegócio precisa para produzir. É também um enorme estoque de carbono, já que, por ser floresta invertida, a maior parte de sua biomassa (e quantidade de carbono) está protegida no solo, de forma persistente e segura.

O Cerrado conviveu com fogo natural por 4 milhões de anos e é exemplo brasileiro de capacidade de regeneração. É também a savana mais biodiversa do mundo, com mais de 12 mil espécies de plantas, de onde inúmeros princípios ativos de remédios já foram descobertos.

No entanto, é um dos biomas mais negligenciados do Brasil. É nele onde, infelizmente, ocorre a maior taxa de desmatamento há décadas. A importância do Cerrado é negligenciada, como se a valiosa água viesse apenas das torneiras que a distribuem.

O desmatamento desenfreado do Cerrado e os incêndios criminosos terão preço altíssimo para a saúde, a economia e o bem-estar da população brasileira, atualmente e no futuro. É urgente que gestores, sociedade e tomadores de decisão compreendam a relevância ecológica e econômica deste bioma e traduzam essa importância em ações efetivas de proteção e uso sustentável de seus benefícios, além de garantir a continuidade de suas áreas protegidas.

Além de abrigar a sede do Poder Executivo e de diversas capitais, o Cerrado brasileiro é a casa de centenas de povos originários e comunidades tradicionais, que há gerações tiram seu sustento, sua saúde e sua dignidade da biodiversidade desse território. O respeito a esses povos e seus conhecimentos, em conjunto com a investigação científica, pode nos ensinar caminhos para a convivência entre as atividades humanas e a proteção desse patrimônio.

É no Cerrado também que o Brasil vem se destacando, nos últimos anos, no aprendizado do manejo do fogo para prevenir e reduzir incêndios em Unidades de Conservação Federais (geridas pelo ICMBio) e Territórios Indígenas (manejados em parceria entre Prevfogo/Ibama e Funai).

Na biodiversidade do Cerrado existem novos produtos biotecnológicos, com amplas aplicações na produção de novos medicamentos, alimentos, cosméticos, biocombustíveis e nanotecnologia. E existem ainda milhares de espécies animais e vegetais que não foram devidamente estudadas e conhecidas.

Também podemos ressaltar que é nas águas do Cerrado que milhões de brasileiros buscam conforto e prazer no turismo ecológico.

A despeito de tanto valor social, ecológico e econômico; da importância na regulação das nascentes e rios do país e com tanto a oferecer para as atuais e futuras gerações, é urgente que toda a sociedade brasileira se dê conta do patrimônio que está sendo tristemente perdido; que acorde antes que o país sofra cada vez mais com a carência de água e antes que porções importantes do nosso território não se percam definitivamente ou que nossas cidades e nosso agronegócio entrem em colapso.

Antes que seja tarde demais...

Links externos importantes

Dossiê o Agro é Fogo

<https://agroefogo.org.br/dossie/>

NOTA TÉCNICA PEC 504/2010 – AO PARLAMENTO BRASILEIRO

Cerrado e Caatinga, patrimônios do Brasil: riqueza presente, herança futura

<https://docs.google.com/document/d/1SE5uh72jiiVUnD0q8P8tDm1AhiDh-fedit>

Brasília, DF, 11 de setembro de 2024

Assinam as Associações Científicas, Redes de Pesquisa e Terceiro Setor em defesa do Cerrado:
Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA) - Silvana Andrade, fundadora e Presidenta;
Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) - Dione Oliveira Moura, Diretora Regional Centro-Oeste;
Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom) - Ismar de Oliveira Soares, Presidente;
Associação Cerrado de Pé - Cintia de Oliveira Silva Carvalho, Presidenta;
Associação Latino Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIIC) - Fernando Oliveira Paulino, Presidente;
A Vida no Cerrado (AVINC) - Bruno Eduardo Pires de Camargos Lopes, Vice-diretor executivo;
Centro de Conhecimento em Biodiversidade/Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia/CNPq - Geraldo Fernandes, Coordenador;
Centro de Referência em Conservação da Natureza e Recuperação de Áreas Degradadas (CRAD/UnB) - José Roberto Rodrigues Pinto, Coordenador;
Centro UnB Cerrado - Maria Júlia Martins Silva, Diretora;
COAR Notícias - Marta Alencar, fundadora da iniciativa;
Conselho Rural de Desenvolvimento Sustentável do Lago Norte/Serrinha do Paranoá - Ricardo do Monte Rosa, Presidente;
Colo (Coletivo de Jornalismo Infantojuvenil) - Juliana Doretto, Diretora;
Grupo de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Elaine Martins, Coordenadora;
Iandê Comunicação e Educação - Cristiane Parente de Sá Barreto, Diretora;
Instituto Araguaia (IA) - Reuber Brandão, Diretor Científico;
Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN) - Fábio Vaz;
Laboratório de Abelhas do Departamento de Zoologia da Universidade de Brasília (UnB) - Antônio J. C. Aguiar, Coordenador;
Laboratório de Ecologia Vegetal, Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB) Isabel Belloni Schmidt, Coordenadora;
Laboratório de Fauna e Unidades de Conservação, Universidade de Brasília;
Reuber Brandão, Coordenador
Laboratório de Ictiologia Sistemática da Universidade de Brasília (UnB) Veronica Slobodian;
Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) - Luís Fábio Silveira, Vice-diretor;
Núcleo do Pequi e Outros Frutos do Cerrado - Sarah Alves de Melo Teixeira, Relações Institucionais
Rede Biota Cerrado (RBC) - Guarino R. Colli, Coordenador Geral;
Rede ComCerrado - Geraldo Fernandes, Coordenador Geral
Rede de Sementes do Cerrado - Annabelle Gomes, presidenta
Rede FIRE-ADAPT - Imma Oliveras Menor, Coordenadora Científica;
Rede Nacional de Combate à Desinformação-RNCD Brasil- Ana Regina Rêgo, Coordenadora Geral
REDA - Rede Ecológica da Água - Maria Salette Mayer de Aquino, Coord.
Sociedade Brasileira para o Estudo dos Quirópteros (SBEQ) - Enrico Bernard, Presidente
Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO) - Flávio Kulaif Ubaid, 2o Secretário
Sociedade Brasileira de Entomologia (SBE) - Rodrigo Machado Feitosa - Pres.
Sociedade Brasileira de Etologia (SBET) - Briseida Dogo de Resende, Presidenta
Sociedade Brasileira de Herpetologia - Ariadne Fares Sabbag, 2a. Tesoureira
Sociedade Brasileira de Ictiologia (SBI) - Maria Elina Bichuette, representante da Diretoria

SIMPÓSIO EM ALTO PARAÍSO (GO) CONSOLIDA PARCERIA ENTRE REDES BIOTA CERRADO E COMCERRADO

POR CRISTIANE PARENTE E TAYANNE SILVA

Foto: David Ayronn



Membros das redes Biota Cerrado, ComCerrado e do Centro UnB Cerrado, em Alto Paraíso (GO), local do simpósio

Entre os dias 1 e 4 de setembro o Centro UnB Cerrado, em Alto Paraíso (GO), sediou o Simpósio do Cerrado 2024. O evento reuniu pesquisadores e colaboradores da Rede Biota Cerrado - RBC (sede na UnB) e Rede ComCerrado (sede na UFMG) para intensa troca de ideias e construção de parcerias. Muitos pesquisadores já trabalharam juntos em outras ocasiões.

Os três dias de evento deram oportunidade para os membros interagirem e discutirem os avanços dos projetos associados de cada rede. Durante o período, foram identificadas as convergências entre as redes e os próximos passos para intensificar a proteção, o estudo e a popularização do bioma, com atenção a assuntos como banco de dados, pesquisa com DNA ambiental, coletas de dados, elaboração de cursos (inclusive de campo) e formações diversas, materiais para escolas, artigos, eventos e publicações. Também foram planejadas estratégias de comunicação (externa e interna) e media training.

No evento, que aconteceu durante três dias seguidos dentro do Centro UnB Cerrado, os coordenadores das duas redes tiveram a chance de conviver e realizar trabalhos em grupo, rodas de conversa e ter dinâmicas de reflexão e aproximação conduzidas por membros do Projeto Associado 5 da Rede Biota Cerrado (Engajamento Público com a Ciência). No último, dia as equipes tiveram uma saída de campo para finalizar as atividades.

Centro UnB Cerrado

A ideia do centro partiu de um grupo de ambientalistas de Alto Paraíso (GO) e tomou corpo com as Conferências Estadual e Nacional do Meio Ambiente, em 2005, quando sua ideia foi registrada nos anais das conferências. Em seguida, o então vereador Dada (Eduardo Estellita), do Partido Verde (PV), buscou formas de viabilizar o projeto e, em 2007, junto com Fernando Gabeira (PV), conseguiram verba para a construção da sede. Coube à Universidade de Brasília (UnB) a execução do projeto e, em 2011, sua criação formal.

Em 2017 começam a ser ofertadas disciplinas de graduação e o primeiro Curso de Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado. E, em maio de 2022, o Centro UnB Cerrado inaugura oficialmente sua nova sede, com instalações para pesquisa, extensão e ensino. Hoje tem a direção da Profª do Instituto de Biologia/UnB, Maria Júlia Martins, membro da Rede Biota Cerrado. Info: @unbcerrado / <https://www.unbcerrado.unb.br/>

APRESENTAÇÕES DAS REDES MARCAM PRIMEIRO DIA DO SIMPÓSIO

Fotos: Cristiane Parente e David Ayrton



Guarino Colli -
Coord. Geral e
Coord. PA2
Mudanças
climáticas/
RBC

Isabel Schmidt -
Coord. PA3
MIF/ RBC



Daniel Vieira - Coord.
PA4 - Restauração
biológica/ RBC

Rosane Collevatti
Coord. PA1 -
Inventários
biológicos/ RBC

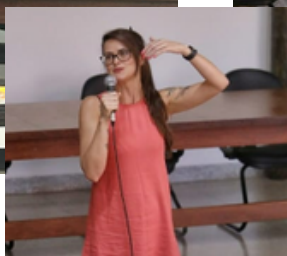


Eduardo Bessa - PA5
Engajamento
público com a
ciência/ RBC

No primeiro dia do simpósio (2/09), coordenadores de Projetos Associados (PAs) das duas redes não só apresentaram suas pesquisas, como também tiveram oportunidade de conhecer em detalhe o trabalho de cada colega. Esse intercâmbio de conhecimento enriqueceu ainda mais o evento e abriu portas para colaborações futuras. A Rede Biota Cerrado (RBC), composta de cerca de 100 pesquisadores, compartilhou informações sobre os temas Inventários Biológicos, coordenado por Rosane Collevatti (IB/UFG); Mudanças Climáticas, coordenado por Guarino Colli (UnB); Manejo Integrado do Fogo - MIF, coordenado por Isabel Schmidt (IB/UnB); Restauração Ecológica, sob coordenação de Daniel Vieira (Embrapa) e Engajamento Público com a Ciência, coordenado por Dione Moura (Fac/UnB). Este último foi apresentado pelo professor Eduardo Bessa (FUP).



Geraldo Fernandes, Coord.
Geral da Rede ComCerrado



Pesquisadores e membros da ComCerrado: Yasmine Antonini; Dayane Barros, Thais Zanata e Tiago Shizen apresentam os projetos da rede.

A Rede ComCerrado é composta por cerca de 70 pesquisadores que trabalham com os seguintes projetos associados: Inventários Biológicos (Yasmine Antonini/UFOP e Paula Benevides/ UFT); Blue List Cerrado (Geraldo Wilson Fernandes/UFMG e Maryland Sanchez Lacerda/UFMT); Fogo no Cerrado: respostas ecológicas das comunidades microbianas do solo (Dayane Juliate Barros/UFT e Manuel Eduardo Ferreira/ UFG); Capital natural e ecossistemas do Cerrado: tolerâncias frente a mudanças climáticas e de uso do solo (Thais Bastos Zanata/UFMT); Nexos da conversão de uso de solo no provisionamento de serviços ecossistêmicos em hotspots da biodiversidade no Cerrado (Yumi Oki e Evandro Machado/UFMG, UFVJM e Unimontes).

Ainda: Das Cavernas às Cidades: contínuo espaço-temporal da presença humana e o favorecimento dos insetos vetores de doenças no Cerrado (Sérvio Pontes Ribeiro e Camila de Paula Dias/ UFOP e IFMG); O Cerrado dentro da gente/ Comunicação pública da ciência (Lucas Neves Perillo e Geraldo Fernandes/UFMG) e, por fim, Valoração cultural da Biodiversidade a partir do diálogo de saberes e práticas: pontes para sociobiodiversidade e bioeconomia sustentável (Paulo Baqueiro Brandão e Luci Ferreira Ribeiro/UFOB e UFSJ).

Ao final, os pesquisadores Reginaldo Constantino, Beatriz Marimon e Anderson Sevilha, do INCT (Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia), também apresentaram as pesquisas desenvolvidas para encontrar sinergias com as duas redes.

DINÂMICAS ANTECEDEM MOMENTOS DE TRABALHO E QUEBRAM GELO



FOTOS: DAVID AYRONN

Cristiane Parente (PA5/RBC) explica a dinâmica inicial da tarde

Ainda no primeiro dia de simpósio, na parte da tarde, pesquisadores foram convidados a participar de uma dinâmica de comunicação que deu início à Roda de Conversa que identificaria os temas de sinergia entre seus trabalhos. A ideia era perceber se o que falamos é o que efetivamente é compreendido pelas pessoas que nos cercam e a importância da escuta, especialmente se queremos trabalhar em rede.

Entre os pontos discutidos estavam a participação conjunta em pesquisas, publicações, catálogos, cursos, eventos, e-DNA e banco de dados, entre outros, que comporão os grupos de trabalho do segundo dia do simpósio.

GRUPOS DE TRABALHO CONSOLIDAM PONTOS DE CONVERGÊNCIA ENTRE AS REDES

Após identificarem os temas de interesse comum de cada projeto, conforme citado acima, os membros das duas redes elencaram os mais relevantes para serem colocados em pauta e se dividiram em três grupos para discuti-los. Ao final do dia, um relator de cada grupo levou à plenárias os principais pontos de convergência de cada tópico.



Cada grupo teve dois coordenadores - um de cada rede - para atender as especificidades locais

DEPOIMENTOS SOBRE O SIMPÓSIO CERRADO 2024

"Este é um momento muito importante para conhecermos melhor nossos parceiros, entender seus pontos de vista e saber mais sobre seus projetos. Com isso, podemos agir com mais sabedoria e energia em nossas ações." **(Daniel Vieira - Coord. PA4/RBC)**

"É um momento de troca, mas para mim, como pesquisadora em início de carreira, é também uma oportunidade de aprender. Estar aqui com pessoas que têm muita experiência em gestão e conservação do Cerrado, que trabalham há anos na área, é uma chance incrível de aprender com eles." **(Thais Bastos Zanata - Vice-Coord. Capital natural e ecossistemas do Cerrado/ ComCerrado)**

"Conseguimos juntar muita gente comprometida com a conservação no Cerrado e com a produção de ciência no bioma. Então é uma oportunidade de a gente se unir e aprimorar nossas formas de fazer pesquisa, melhorar a divulgação e o conhecimento sobre o Cerrado." **(Isabel Belloni Schmidt - Coord. PA3/RBC)**

"A experiência de unir duas redes, em primeiro lugar, mostra quantas pessoas estão interessadas neste bioma. Há muitos pontos em comum e convergências que podemos aproveitar para trabalharmos juntas e construirmos ainda mais. Sendo um bioma muito extenso, distribuído por diferentes áreas do país, se não nos organizarmos para estudá-lo, acabaremos deixando uma série de lacunas." **Eduardo Bessa (Membro do PA5/RBC)**



SIMPÓSIO DO CERRADO 2024

Rede Biota Cerrado e Rede ComCerrado

Dias 1ª a 4 de setembro, no Centro UnB Cerrado - Alto Paraíso de Goiás-GO

DOMINGO - 01/09/2024

14:00 - SAÍDA PARA ALTO PARAÍSO
17:00 - CHEGADA EM ALTO PARAÍSO
18:00 - ABERTURA NO CENTRO UNB CERRADO

DIA 1 | SEGUNDA-FEIRA - 02/09/2024

08:00 - DINÂMICA DE INTRODUÇÃO DOS GRUPOS E APRESENTAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO
08:30 - APRESENTAÇÃO DA REDE BIOTA CERRADO E PROJETOS ASSOCIADOS
10:00 - PAUSA PARA CAFÉ
10:30 - APRESENTAÇÃO DA REDE COMCERRADO E PROJETOS ASSOCIADOS
12:00 - INTERVALO PARA ALMOÇO
14:00 - DINÂMICA DE RETOMADA DOS TRABALHOS
14:30 - DISCUSSÃO
16:00 - PAUSA PARA CAFÉ
16:30 - DISCUSSÃO
18:00 - ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES E ORIENTAÇÕES PARA O DIA SEGUINTE

DIA 2 | TERÇA-FEIRA - 03/09/2024

08:00 - DINÂMICA DE INTRODUÇÃO DO SEGUNDO DIA E OFICINA PARA IDENTIFICAR PONTOS DE COLABORAÇÃO ENTRE AS REDES
10:00 - PAUSA PARA CAFÉ
10:20 - ELABORAÇÃO DE PROPOSTA DE TRABALHO CONJUNTO
12:00 - INTERVALO PARA ALMOÇO
14:00 - PLANEJAMENTO DE AÇÕES FUTURAS - EXPEDIÇÃO AO MARANHÃO PARA COLETA DE DADOS NA APA UPADN-AÇU-MIRITIBA/ALTO PREGUIÇAS (NOV/DEZ)
15:30 - PAUSA PARA CAFÉ
16:00 - PLANEJAMENTO DE AÇÕES FUTURAS - LIVRO SOBRE O CERRADO; REUNIÃO NA SERRA DO CIPÓ (11/09)
18:00 - SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO EM BRASÍLIA - FINAL DO PROJETO NOV/2026
18:00 - ENCERRAMENTO DO SEGUNDO DIA E ORIENTAÇÕES PARA A ATIVIDADE DE CAMPO NA QUARTA-FEIRA

DIA 3 | QUARTA-FEIRA - 04/09/2024

08:00 - ATIVIDADE DE CAMPO
12:00 - ALMOÇO
14:00 - SAÍDA PARA BRASÍLIA
17:00 - CHEGADA EM BRASÍLIA



INTEGRAÇÃO ENTRE AS REDES MARCOU SIMPÓSIO

As dinâmicas realizadas no simpósio, propostas pelo PA5 da RBC, estimularam reflexões sobre a forma como conseguimos nos comunicar (ou não) com a sociedade e, acima de tudo, proporcionaram excelentes registros feitos por fotógrafo David Ayronn. Escolhemos alguns:

FOTOS: DAVID AYRONN



Dinâmica da cadeira fez membros das redes voltarem a ser criança e refletirem sobre como compartilhar tarefas em grupo

DEPOIMENTOS SOBRE O SIMPÓSIO CERRADO 2024

"(Com o simpósio) unimos esforços amostrais, principalmente para conseguir reduzir custos. De maneira geral, como coordenadora de um projeto associado à Rede ComCerrado, que está relacionado ao fogo, ter um especialista em fogo na Rede Biota Cerrado me ajuda a reestruturar o projeto, o que agregará valor a ambos (...) Em sintonia, conseguiremos obter mais informações sobre as consequências do fogo para os microrganismos do solo."

(Dayane Juliate Barros - Coord. Fogo no Cerrado/ComCerrado)

"Acho que esses dois projetos são extremamente importantes. Primeiro, porque dão visibilidade ao Cerrado de várias formas. E segundo, porque reúne grandes pesquisadores, pós-doutorandos e alunos de doutorado, mestrado e iniciação científica. Todos trabalhando em prol do bioma Cerrado, para a conservação, para a recuperação de áreas degradadas. A importância desses projetos e da união entre eles está justamente nisso. Queremos que as pessoas compreendam a importância do Cerrado, o que ele significa, e a relevância não só de conservá-lo, mas também de recuperar as áreas que estão degradadas." **(Maria Julia Martins Silva - Diretora do Centro UnB Cerrado e membro da RBC)**

"É inspirador ver pessoas tão distintas, de locais tão diferentes, unidas por um único propósito. Isso eu chamaria de verdadeira inspiração." **(Sula Salani Mota - IB/UnB)**

"São pessoas muito experientes, entendem tudo sobre o Cerrado e estudam isso há muito tempo. Então é bastante importante e legal poder estar junto e perceber que a gente ainda tem muito a fazer. Muito para correr atrás, para conservar o que é nosso." **(Cecília Vieira/ RBC)**

O CERRADO TEM SABOR

Cagaita, Pequi, Baru, Jatobá-do-cerrado, Murici, Mangaba, Coquinho azedo, Cereja do cerrado, Araticum... foi em meio a essa riqueza de sabores cerratenses que o simpósio do Cerrado aconteceu, sob os cuidados de Rosalides de Moura, merendeira e cozinheira concursada há 18 anos, que trabalha no CMEI Casa da Vovó, de Alto Paraíso (GO).

Rosinha, como é conhecida e gosta de ser chamada, transforma os frutos do Cerrado em banquete, mas confessa seu chamego pelo pão de Baru e de Jatobá, que faz desde menina com a mãe, com quem trabalha na Chapada Alta.

A profissionalização veio com cursos como o que fez com a nutricionista Cláudia Lulkin, que levanta a bandeira da alimentação natural nas escolas e a defesa do Cerrado.

Rosinha com seu famoso pão de Baru



Rosinha com a nutricionista Cláudia Lulkin, com quem aperfeiçoou seus dons; Lulkin defende uma política pública que insira o Cerrado na alimentação escolar

Jatobá e Baru viram pão e patê nas mãos de Rosinha, que aprendeu o ofício com a mãe e com a nutri Cláudia Lulkin

"Baru representa minha infância. A gente cresceu comendo Baru, Mangaba, Jatobá", diz Rosinha. "Depois fui aperfeiçoando com nutricionistas e pesquisas, porque como merendeira fazemos muitos cursos e o privilégio é oferecer coisas naturais para as crianças e para as pessoas amarem".

Quer falar com a Rosinha e encomendar um banquete do Cerrado? Liga: (62) 99635.8135

COLETIVO "AS DO CERRADO" REÚNE MULHERES QUE VIVEM DO BIOMA E TAMBÉM PRODUZEM GASTRONOMIA NATURAL

Quem também trabalha com comida do Cerrado é o coletivo de mulheres "As do Cerrado". Elas cultivam Agroecológicos e fazem extrativismo no bioma. À frente do grupo está Netinha (lenço na cabeça). Quer saber mais? Segue o coletivo no insta: @asdocerrado



Sucos do Cerrado, biscoitos de Baru e coxinha de jaca (ao lado)



Grupo As do Cerrado - Foto no IB/UnB em evento da Rede Araticum dia 10/09



ENTRE... VISTAS

com Guarino Colli e Geraldo Fernandes



POR CRISTIANE PARENTE
GRAVAÇÃO ISABELA LUDUVICHACK

Inauguramos nossa seção Entre...Vistas com duas das maiores autoridades em Cerrado do país: Guarino Rinaldo Colli, coordenador da Rede Biota Cerrado e Geraldo Wilson Fernandes, coordenador da Rede ComCerrado. Tivemos esta “prosa mineira” na manhã do dia 4 de setembro, no jardim da Pousada Recanto da Grande Paz, em Alto Paraíso (GO), após quatro dias de imersão discutindo iniciativas conjuntas entre as duas redes de pesquisa.

O tema não podia ser outro: a defesa incansável e urgente do Cerrado, o bioma que os conquistou. Esperamos que gostem da leitura e que também sejam seduzidos por essa causa e essa bandeira.



FOTOS: CRISTIANE PARENTE E TAYANNE SILVA

Geraldo Fernandes e Guarino Colli em entrevista para a RBC

Cristiane Parente

Há quanto tempo vocês dois pesquisam o Cerrado?

Geraldo Fernandes

Bom, eu pesquiso o Cerrado desde quando eu entrei na graduação, desde os primeiros trabalhos. Isso foi lá no início da década de 80. Desde então eu trabalho com questões de ecologia e de biodiversidade no Cerrado.

Guarino Colli

E eu comecei em 86, quando eu vim para o Planalto Central, porque eu fiz a graduação na UFJF. Eu estudava poliqueta no litoral do Espírito Santo, em Piuma. Aí, quando eu vim para cá, comecei a trabalhar com Cerrado. Eu não conhecia.

Cristiane Parente

Nesse tempo todo de pesquisas sobre o bioma o que vocês consideram que avançou na pesquisa? Como é que vocês olham para trás e fazem uma avaliação das pesquisas? Avanços e retrocessos?

Geraldo Fernandes

Antes de responder a sua pergunta, tem um caso muito curioso. Porque eu entrei na biologia para ser oceanógrafo. Eu queria ser Jacques Cousteau (risos) Só que... não tinha condição de estudar nada de oceanografia na Lagoa da Pampulha (risos). E aí me apresentaram o Cerrado. Então, há uma inversão aqui.

Cristiane Parente

E dessa paixão pelo Cerrado, desse envolvimento com o bioma, como é que vocês olham para essa perspectiva histórica, entre avanços e retrocessos?

Geraldo Fernandes

Então, talvez eu possa começar, né? Eu comecei estudando um grupo que não tinha ninguém trabalhando com isso. Na verdade, na América do Sul o Cerrado é a casa dessas galhas de inseto, tumores em plantas, e eu vejo, por exemplo, que hoje tem uma escola formada. E acho que no seu caso (Guarino) é a mesma coisa, mas eu vou deixar para você falar.

Acho que nós avançamos muito nos estudos e temos um entendimento muito melhor hoje. Porém, poderia ter avançado muito mais, porque na nossa vida acadêmica a gente sempre tem que estar lutando por investimento para poder entender as coisas. Então, assim, poderíamos estar 10 anos luz daqui, caso tivéssemos tido o apoio financeiro de desenvolver.

Nós estamos em cima de um... bioma mais diverso, uma savana mais diversa do planeta, um *hotspot*, mas com problemas que não têm tido e nunca tiveram um investimento necessário para entender. Então poderíamos estar muito mais longe. Mas avançamos muito e muito graças ao esforço de alguns que entendem essa importância. Mas é uma pena, porque no momento o Cerrado está indo embora e precisamos de muito mais.



Entre uma pergunta e outra as lembranças de "causos" dos então estudantes mineiros

Isso é uma migalha. O que a gente faz com isso? A gente faz pesquisa de qualidade, mas poderia ser muito melhor. Nós estamos aqui com um microfone improvisado (apontando para o microfone que as jornalistas estão usando). Deve ser até pessoal, nem é institucional. A gente improvisa o tempo todo, coloca recursos do bolso para resolver... É um carro que quebra, um ar condicionado que estraga.... Então a ciência poderia estar de ponta, porque é o que você falou, a gente tem a biodiversidade é aqui, não tem outro lugar que tem tanto quanto aqui, mas os meios que a gente está estudando, a tecnologia de ponta... isso a gente não tem. A gente tem que se aliar ou mandar para fora, aliar com alguém que trabalha fora ou mandar para fora. Colaboração é bom? É bom, mas a gente não precisava depender, a gente poderia estar gerando essa tecnologia, esse conhecimento, essa inovação. A gente sempre fica na rabeira e a gente tinha tudo para estar muito à frente.

Guarino Colli

Eu acho que é isso mesmo. Tem uma coisa que eu reflito que é assim... Quando eu vim para cá na época do mestrado, na seleção devia ter dez, doze pessoas fazendo a seleção. Hoje deu uma caída, mas há cinco, sete anos atrás teve seleção de mestrado lá no IB (Instituto de Biologia da Universidade de Brasília) e tinha uns 150 candidatos. Ao mesmo tempo não tinha bolsa direito principalmente para alunos de graduação, alunos de mestrado e de doutorado (...) Então teve muito investimento na ampliação em educação, pesquisa. Muitas universidades, muitos cursos, programas de pós-graduação foram criados. Isso multiplicou a pesquisa no Cerrado.

Na década de 90, quando eu comecei a escrever os primeiros trabalhos de minhas pesquisas com o Cerrado, a gente começava sempre na introdução falando que o Cerrado é o bioma menos conhecido do Brasil. E isso mudou bastante. Então a gente tem hoje em dia muito mais conhecimento do que existia graças a esse investimento. Agora, poderia ser melhor? Poderia e deveria ser muito melhor.

Cristiane Parente

De que forma, por exemplo?

Guarino Colli

Esse projeto que a gente está coordenando são 2, 3 milhões para 5 anos, 3 anos, para uma rede com mais de 100 pessoas.



Guarino Colli

"A GENTE PODERIA ESTAR GERANDO ESSA TECNOLOGIA, ESSE CONHECIMENTO, ESSA INOVAÇÃO (...) A GENTE TINHA TUDO PARA ESTAR MUITO À FRENTE" (GC)



Geraldo Fernandes

Geraldo Fernandes

E talvez só para complementar, né? Esse conhecimento e todos esses resultados que a gente tem, não é para a gente, não é pessoal. É para o povo brasileiro. É para um dos biomas mais destruídos, talvez o mais impactado, né? Por nossas ações aí que não tem como base a ciência. Então nós precisamos desse conhecimento maior, ampliado, para poder ajudar o Brasil a vencer esses problemas que ele tem, tanto na área de uso melhor dos recursos. Então, esse conhecimento é para o povo brasileiro. Nós investimos muitas vezes pessoalmente, fortemente nisso, sendo que é uma coisa que eu acho que o brasileiro precisa abraçar essas causas, entender a importância da ciência, da pesquisa, para que eles possam ter um país melhor.

Cristiane Parente

Falando em entendimento, como é que vocês pesquisadores pensam que pode haver esse engajamento dos brasileiros, da sociedade com a ciência? Como é que a gente faz para pegar o conhecimento da universidade e cruzar com o conhecimento que está lá na sociedade? Fazer esse match (risos) A gente não pode defender ou amar o que não conhece, né?

Geraldo Fernandes

Acho que a comunicação da ciência é fundamental. Primeiro, nós precisamos traduzir o conhecimento. Nós falamos com o nosso jargão e nós nos entendemos muito bem. Os cientistas se entendem. Mas é preciso traduzir esse conhecimento, e rapidamente, porque o mundo avança muito rápido. A destruição está aí à nossa porta, então é preciso traduzir esse conhecimento de forma rápida e eficiente. E, depois de traduzido, ele precisa chegar ao público.

Nós precisamos da sociedade. Nós precisamos muito do pessoal da área de jornalismo, do jornalismo científico, que consigam entender o que estamos fazendo e levar isso para a sociedade rapidamente. Não é só jogar na rede. Precisamos chegar a todo mundo e a todas as idades, a todas as faixas sociais e camadas sociais. Só assim. E eu acho que, mesmo sendo assustador o que às vezes falamos - que o mundo está com esses problemas enormes, os incêndios, as ondas de calor e essas catástrofes todas -, é preciso continuar alertando, mesmo que sejam coisas que assustam as nossas crianças.

Mas é importantíssimo comunicar o que estamos fazendo e as nossas visões. Nós somos cientistas especializados e nós entendemos o que está se passando. E quando não entendemos, nós nos perguntamos e fazemos pesquisa para tentar responder. Isso é fundamental. Traduzir rapidamente e chegar aos tomadores de decisão. E aí a sociedade tem que exercer seu poder, tem que cobrar. Tem que cobrar porque nós não fazemos leis.

Guarino Colli

A universidade ficou muito tempo distante, encastelada em uma torre de marfim. E isso está mudando por várias razões. Uma delas é a própria desvalorização da ciência por setores da sociedade. Então, eu acho que é uma reação a essa desvalorização. A outra, a gente tem que renovar mesmo. A universidade muda muito devagar. Então, esse distanciamento, em parte, é responsabilidade da universidade, de pesquisadores. Mas, por outro lado, tem razões históricas também. No Brasil nós tivemos durante quase duas décadas a influência de um regime ditatorial militar onde tinha censura. Então muitos cientistas saíram do país por conta disso. Não se podia falar. O conhecimento para muitos nessa época era pernicioso, indesejado, vamos dizer assim.

Então, ainda tem muitos setores, muitos interesses para que não tenha conhecimento, para a gente não questionar a situação, o *status quo*. Educação para determinados setores não é algo interessante, não tem interesse. Eu penso que a valorização da ciência não tem outro jeito de acontecer a não ser pela educação. E às vezes as pessoas têm dificuldade de perceber o quanto de tecnologia está envolvida em um óculos, um microfone ou um celular. Aqui a gente continua naquele paradigma ainda do extrativismo.

Por que a gente não exporta tecnologia ligada à biodiversidade? Por que a gente não exporta produtos e serviços da biodiversidade? Obviamente de maneira sustentável! Mas não valorizam nada. Arrancam tudo e vão exportar. A gente está exportando água, está exportando solo, e sempre foi assim. Minério é só extrair e acabar. Isso normalmente é pouca tecnologia. As pessoas têm um emprego, mas poderiam estar ganhando muito mais se estivessem trabalhando com um serviço especializado. Mas obviamente que para ter serviço especializado tem que ter universidade, tem que ter pesquisa, tem que ter desenvolvimento, tem que ter inovação (...)



FOTOS: CRISTIANE PARENTE E TAYANNE SILVA

Engajar a sociedade na defesa do Cerrado foi um dos tópicos da conversa

Cristiane Parente

Falando em educação, os pesquisadores estão na universidade produzindo conhecimento, pensando na sociedade. E as políticas públicas, de que forma elas poderiam trabalhar junto com a pesquisa, com a produção de conhecimento para favorecer essas pesquisas? Que tipo de políticas públicas vocês sentem falta, por exemplo? Legislações que não existem, voltadas ao Cerrado ou à biodiversidade brasileira?

Geraldo Fernandes

Primeiro nós precisamos saber o que está acontecendo. Temos que ter informação que a situação é crítica. E já há modelos muito fortes indicando um caos à frente. Então, precisa que essa informação se dissemine rapidamente. Precisamos cobrar dessas pessoas, mas precisamos muito que elas sejam pessoas interessadas. E que haja inteligência, coordenação, governança, comando e controle também. Então, nós precisamos trabalhar isso com as pessoas que nós votamos, para que elas mudem.

Mas elas precisam ser informadas. Aí está aí uma lacuna enorme. Tem muita gente surgindo hoje, muitos veículos que podem disseminar com maior eficiência essas informações. Mas, antes de tudo, precisamos identificar quem são essas pessoas que nós podemos contar, porque como meu colega disse, tem muita gente, mas há grupos que não se interessam ou que se interessam apenas em explorar, não importando a existência de quem depende desses recursos para viver.

Acho que precisa muito dessa questão toda de governança e também inteligência para poder coordenar essas questões. Nós temos chance ainda. Nós não destruímos tudo ainda, mas estamos no caminho de destruir. Precisamos conquistar essas pessoas que ainda não entenderam a importância do que estamos fazendo na ciência, para poder preservar o Cerrado, a biodiversidade brasileira e o que ela produz de bem, não só para o Cerrado, mas para o Brasil e para o mundo inteiro, porque o planeta é apenas um.



FOTOS: CRISTIANE PARENTE E TAYANNE SILVA

Doas autoridades científicas unidas em amizade e compromisso por um bioma

“PRECISAMOS CONQUISTAR ESSAS PESSOAS QUE AINDA NÃO ENTENDERAM A IMPORTÂNCIA DO QUE ESTAMOS FAZENDO NA CIÊNCIA, PARA PODER PRESERVAR O CERRADO, A BIODIVERSIDADE BRASILEIRA E O QUE ELA PRODUZ DE BEM, NÃO SÓ PARA O CERRADO, MAS PARA O BRASIL E PARA O MUNDO INTEIRO, PORQUE O PLANETA É APENAS UM” (GF)

Guarino Colli

Sobre política pública, penso que a área educacional sofre muito, porque não tem valorização dos profissionais que trabalham (carreiras, salários, as instituições em si, a parte física). Aí falta muito recurso e poderia ser muito melhor. Isso é a valorização da qualificação e eu penso que tá ligado com o que eu estava falando antes de extrativismo de uma maneira geral. Essa valorização na parte educacional que tinha que ter muito mais investimento. Isto é política pública: salário, infraestrutura, verba para pesquisa, para extensão.

Agora, a parte ambiental em si, penso que a nossa legislação não é ruim. O que é ruim é a implementação, a aplicação da legislação. Se a legislação fosse cumprida, a gente não estaria nesse caos que a gente está hoje. Pode melhorar? Pode. Mas eu penso que está muito ligado ao judiciário, porque se tem uma legislação e ela não é cumprida, tem que ter punição exemplar.

Pode desmatar? Pode até um certo limite. Desmatou mais do que esse limite? Cadeia, multa. Mas o fiscal aplica multa, ninguém paga e nada acontece. O cara queimou - e pode queimar em determinadas circunstâncias, sim; na maioria das vezes, não. Mas queima e ninguém sabe onde iniciou, quem são os culpados... e quando identifica, aplica uma multa. Alguém paga? Não. Então, isso não vai levar a um bom termo (...) Essa é a fórmula da corrupção: se o benefício é alto e nada acontece, você vai ter um país com muita corrupção (...) Na minha percepção, quem é responsável por isso? Muito é o sistema judiciário, porque se a lei não é cumprida, nada muda.

“SE A LEGISLAÇÃO FOSSE CUMPRIDA, A GENTE NÃO ESTARIA NESSE CAOS QUE A GENTE ESTÁ HOJE” (GC)

Geraldo Fernandes

Talvez um exemplo dessa questão do crime compensa no país, essas questões ambientais, é justamente esse caso do rompimento dessas barragens em Minas Gerais, impactando, matando rios, os fronteiros, matando pessoas, destruindo vidas e nada acontece e a questão continua a mesma, como se nada tivesse acontecido.

Bastidores da entrevista com a pesquisadora do PA5 e jornalista Cristiane Parente e a gravação de Isabela Luduvichack



DECLARE SEU AMOR AO CERRADO

Como setembro é mês do Cerrado (11/09 é Dia do Cerrado) pedimos aos nossos dois entrevistados, coordenadores da RBC e ComCerrado e aos membros das duas redes para deixarem suas declarações de amor ao bioma que uniu a todos. As declarações serão postadas nesta Newsletter e na próxima, que será veiculada no final do mês (Fotos: David Ayronn)

FOTO: CRISTIANE PARENTE



Por Geraldo Fernandes - UFMG/ Coord.Geral Rede ComCerrado

"Eu acho que talvez uma frase interessante é que o Cerrado é pop. E o Cerrado é tudo. Ele é vital para nós. Nós vamos continuar lutando para que as pessoas entendam a importância dessa vegetação única no planeta e mostrar o futuro e o tanto que ela é importante para o brasileiro e para o mundo inteiro."

Por Guarino Colli - UnB / Cood.Geral Rede Biota Cerrado

"Eu queria que todo dia fosse dia do Cerrado. Não tem que ter um dia no ano para gente lembrar que o Cerrado existe, para falar da importância dele. Quem vive perto, quem anda pelo Cerrado, quem toma banho de cachoeira, come frutos do Cerrado (araticum, baru...), quem vê o tucano, uma arara, um cachorro-do-mato, um jabuti, se encanta com o Cerrado. Não tem como não se encantar com as belezas naturais, com a biodiversidade. Então, todo dia tem que ser Dia do Cerrado."

Por Ben Hur Marimon Júnior - UNEMAT / Rede Biota Cerrado

"O Cerrado para mim é um ambiente diferente, maravilhoso, com árvores como se fossem desenhadas por um arquiteto. É um presente para nós! O interessante é que o Cerrado fala! Ele canta e tem vozes. Vozes de pássaros, de animais. É muito vivo! E ele é uma vegetação que está no centro do Brasil, ligando tudo. Tudo passa pelo Cerrado. Isso é incrível! Além do mais, o Cerrado funciona como grandes caixas d'água. E a vegetação ajuda essa água a infiltrar o subsolo. A maior parte das águas minerais que a gente tem no Brasil está embaixo do Cerrado. Tem muito mais vida embaixo do solo do que em cima, como se fosse uma floresta invertida. O Cerrado é uma coisa fabulosa. É fantástico!!



Por Yasmine Antonini - UFOP/ Rede ComCerrado

"O Cerrado é lindo; o Cerrado é verde; o Cerrado é multicolorido; o Cerrado é biodiverso. O Cerrado é o berço das águas. Então vamos mudar um pouco o olhar que a gente tem para o Cerrado e enxergá-lo como ele realmente é. Um sistema lindo, maravilhoso e importante para o Brasil".

Por Rosane Collevatti - UFG/ Rede Biota Cerrado

"O Cerrado não é só um dos maiores biomas do Brasil, mas tem uma importância imensa. Primeiro por ser o berço das águas do Brasil. Várias bacias hidrográficas, como as do Paraná e da Amazônia têm rios que nascem no Cerrado. Mas também devido à grande biodiversidade que o Cerrado tem, não só de plantas, mas de animais. E essa biodiversidade é extremamente importante para conservar a água que o Cerrado provê para as outras bacias."



FOTO: CRISTIANE PARENTE

Por Beatriz Marimon - Unemat / Rede Biota Cerrado

"O termo Cerrado, que tem origem espanhola, significa fechado. E, de certa forma, a gente desconstruiu esse termo. Porque, antigamente, realmente, a área do cerrado era muito fechada, mas a gente abriu ela tanto que o termo cerrado, como fechado, não tem mais muito significado. Mas a gente tem também as soluções para esse problema de reconstruir esse nome Cerrado e as qualidades do Cerrado, afinal de contas, ele é a savana de maior biodiversidade do planeta Terra. Isso não é pouca coisa. Isso é algo incrível! E aí a gente vai conseguir fazer isso se a gente se cerrar também, num grande abraço ao redor do bioma Cerrado. Cerrando o cerrado, abraçando o cerrado, a gente consegue garantir o futuro dele".





PARQUE DO BACABA EM CHAMAS

POR LIANDRA NUNES GUIMARÃES
(UNEMAT/MT)



Parque do Bacaba (Nova Xavantina/MT) em chamas. Imagem aérea de drone feita por Carlos Jardim

Na manhã do dia 20 de agosto, acordei sufocada com tanta fumaça que entrava pela minha janela. De acordo com a Defesa Civil, a baixa umidade relativa do ar está colocando em risco a saúde e o meio ambiente. No entanto, fuligem e fumaça se misturam na paisagem há dias.

Várias mensagens foram chegando no grupo do laboratório: imagens e vídeos registrando o fogo se alastrando no Parque do Bacaba, uma Unidade de Conservação que abriga inúmeras espécies de vegetais, animais e microrganismos.

O Campus da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) de Nova Xavantina-MT está localizado no Parque. Imediatamente pensei em como o fogo começou e o quanto afetaria a biodiversidade local. No Parque são realizadas pesquisas científicas voltadas para a conservação da flora e da fauna nativas e, mesmo assim, o fogo foi iniciado na sua zona de amortecimento.

Moradores do bairro vizinho colocaram fogo de forma indireta, porque o foco era a queima de lixo e entulhos de seus lotes, mas as chamas atingiram a vegetação do Parque, resultando em mortes e fuga dos animais.

A área afetada é um corredor ecológico para várias espécies nativas do Cerrado, como o tamanduá-bandeira, tatús, emas, lagartos, serpentes, insetos, além de outras espécies. Os focos de incêndio voltavam poucas horas depois que o fogo era controlado, durante quatro noites e três dias, sendo monitorado por drones e equipe de brigadistas.

Fiquei surpresa que várias pessoas continuaram caminhando no Parque, com seus cachorros na avenida de entrada, com as chamas próximas da calçada, caminhando e correndo como se nada estivesse acontecendo!

Hoje, felizmente o Parque não está em chamas, mas as cinzas, o clarão do sol penetrando no solo e os vestígios das árvores queimadas deixam a paisagem triste e devastada.

Só sabemos que, a qualquer momento, seremos surpreendidos com novos focos de queimadas iniciadas de forma inconsequente e de difícil controle.

GALERIA DAS REDES

Nestas duas próximas páginas compartilhamos instantes que as palavras dificilmente conseguiriam explicar, e que retratam um pouco do que foi vivenciado nos três dias e meio de convívio intenso entre os membros das duas redes, pensando juntos sobre o Cerrado, em meio ao Cerrado e alimentando-se dele. A maior parte das imagens é de David Ayrann.



GALERIA DAS REDES

